

A opinião de três jornalistas árabes sobre o “diálogo civilizacional” ou a falta dele

Um conto da escritora palestina Selma Dabbagh inclui este desabafo desesperado de uma mulher para o marido e a filha, apanhados no Kuwait pela invasão do Iraque, em 1991: “Tenho estado colado ao televisor. Tantas mentiras! Que distorção!” A narradora é a filha adolescente que quando volta ao Reino Unido começa a seguir as notícias febrilmente e entende, finalmente, a fúria que observa muitas vezes aos pais quando vêem televisão. Entende, quando “já percebia o que é que isto significava para todos nós”.

“Nós” pode ser um país, pode ser um povo, pode ser uma religião, mas de facto o que os *media* veiculam tem consequências directas nas vidas das pessoas. Este sentimento de desconfiança em relação a alguns meios de comunicação ocidentais, e sobretudo, esse sentimento de injustiça, não é apenas ficção.

“Há um enorme sentimento de mal-entendido no mundo árabe no que toca a muitos temas”, confirma Baria Alamuddin. “Não só religião, mas política, cultura...”

O diário libanês para o qual Alamuddin trabalha desde Londres, o *Al Hayat*, lançou recentemente um *site* em inglês, para tentar combater o que considera ser esse desequilíbrio de informação.

“Se há este sentimento, é preciso fazer alguma coisa”, diz Alamuddin. “Portanto, é muito importante algo como a Al-Jazira Internacional. Nós temos necessidade de compreensão e não de aumentar as diferenças.”

O que Alamuddin pode fazer pessoalmente faz: na altura do conflito do Líbano, ofereceu-se para estar presente em todos os debates, em todas as televisões britânicas, porque queria certificar-se de que “a situação era bem explicada”.

Zaki Chehab é outro libanês, também do *Al Hayat* e do canal árabe LBC, sediado em Londres, que deposita esperanças no canal internacional da Al-Jazira. Chehab comenta que com facilidade os canais ocidentais dão demasiado tempo de antena a extremistas e a discussões sobre extremismo e tempo a menos a moderados ou à cobertura de outros temas e eventos que, numa perspectiva árabe, mereceriam mais atenção.

Também Mohamed Masharqa gostava que a Al-Jazira pudesse contribuir para a forma como no Ocidente se entende o mundo árabe, mas é mais cauteloso.

“Blá, blá, blá” é como caracteriza o discurso da Al-Jazira English quando diz que quer ser uma ponte entre culturas. “Diálogo civilizacional”, diz com amargura. “Em poucos minutos, George W. Bush destruiu o diálogo civilizacional com a expressão ‘islamofascistas’, comenta, acrescentando: “Vamos ver de que tipo de diálogo é que se está a falar.”

Como jornalista, explica Baria Alamuddin, só pode querer um meio justo e transparente. Como jornalista, acredita no poder do conhecimento. “Os mal-entendidos nascem da ignorância. Conhecimento é compreensão.” ■ SUSANA MOREIRA MARQUES, LONDRES

CNN ÁRABE OU “TV JIHAD”

Em 1990, quando o Iraque invadiu o Kuwait, os *media* oficiais sauditas levaram 48 horas a mencionar o facto. Parece impensável, mas era possível. Hoje já não é e a razão principal chama-se Al-Jazira. A Arábia Saudita nunca permitiu que a TV que pôs o Qatar no mapa abrisse uma delegação no país e chegou a impedi-la de cobrir a peregrinação a Meca, mas as parábolicas levam-na a milhões de casas no reino. Com concorrentes que entretanto surgiram, como a Al-Arabiyyah (sediada no Dubai, financiada por capitais sauditas), foi a Al-Jazira a primeira a introduzir o debate em programas como The Other Opinion ou The Opposite Direction, uma versão do Crossfire da CNN.

O emir Sheikh Hamad bin Khalifa al-Thani continua a injectar anualmente 100 milhões de dólares dos lucros do gás natural e do petróleo no negócio da informação. Os críticos dizem que o faz para contrabalançar o peso saudita na região e sustentam que o canal foi “roubado” aos liberais pela facção islamista da família, que assim pode dar peso a vezes como as da Irmandade Muçulmana egípcia. Os defensores lembram que foi também Hamad Khalifa a permitir outras reformas democráticas no seu país. O canal é muitas vezes acusado de ser porta-voz dos terroristas. Abu Mussab al-Zarqawi, o sanguinário chefe da Al-Qaeda no Iraque morto pelos americanos em Junho, descreveu-a como “porta-voz dos americanos”.

A fúria de Arafat

A cobertura da segunda Intifada, em 2002, quatro anos depois do nascimento da Al-Jazira e apenas um desde que passara a emitir 24 horas por dia, impôs a televisão do Qatar como sucesso regional. Depois do 11 de Setembro, muitos analistas repetiriam que aquilo que realmente enfurece a opinião pública árabe são os rostos das crianças e mulheres palestinas que vêem na Al-Jazira. Mas a televisão, que antes e depois teve o seu trabalho boicotado em Marrocos, na Argélia, na Tunísia, no Egipto, na Líbia, no Iraque, no Iémen, no Kuwait ou no Irão, por entrevistar opositores ou noticiar manifestações, também conseguiu irritar a Autoridade Palestiniana. Em Março de 2001, a Autoridade Palestiniana fechou temporariamente os seus estúdios de Ramallah por causa da promoção de uma série documental sobre a guerra civil libanesa onde Yasser Arafat aparecia em imagens pouco favoráveis.

Já Israel é um dos poucos países no Médio Oriente que nunca banuiu a Al-Jazira. Foi o primeiro canal árabe a ouvir israelitas. “Tentam o melhor por ser justos e mesmo se por vezes discordo com a cobertura, não é tendenciosa”, afirmou ao *Jerusalem Post* Daniel Seaman, chefe do gabinete de imprensa do Governo israelita.

Exclusivo em Cabul

A *Operação Raposa do Deserto*, em 1998, já tinha levado o logótipo da estação para lá das fronteiras árabes: como única cadeia com jornalistas dentro do Iraque quando começaram os ataques ordenados por Bill Clinton ao arsenal de Saddam Hussein, as suas imagens foram disponibilizadas aos canais internacionais. Mas muitos na Europa e nos Estados Unidos só decorariam o logótipo ondulado e dourado quando as bombas norte-americanas começaram a cair em Cabul, a 7 de Outubro de 2001. Depois do 11 de Setembro, quando começou a retaliação contra os talibãs, as imagens que o mundo viu foram fornecidas pela Al-Jazira. Era a única TV estrangeira presente na capital afgã.

Osama e a “TV Jihad”

Duas horas depois de a aviação norte-americana começar a atacar alvos no Afeganistão, a Al-Jazira transmitia a primeira declaração de Osama bin Laden pós-11 de Setembro, agradecendo a Deus ter atacado a América. Já no fim do mês, a televisão entrevistou Bin Laden e ele sugeriu pela primeira vez a sua ligação aos ataques de 11 de Setembro. Os EUA protestaram, falaram de incitação à violência contra americanos e denunciaram a possibilidade de Osama poder estar a fazer passar ordens em código. A Al-Jazi-

Em dez anos a Al-Jazira cresceu, regionalizou-se e, mesmo em árabe, internacionalizou-se. Orgulha-se de provocar tanta irritação nos palácios de Riad como nos gabinetes da Casa Branca.

Por Sofia Lorena

ra respondeu que os EUA tinham de aceitar Bin Laden como personagem importante da “crise actual”. Os defensores do canal argumentaram que é fácil confundir acesso com apoio.

Foi Taysir Alouni, jornalista espanhol nascido na Síria, então chefe da delegação da Al-Jazira em Cabul, que conseguiu a primeira mensagem e a entrevista. Hoje está preso em Espanha, acusado pelo juiz Baltasar Garzón de actividade terrorista através de financiamento, apoio logístico e recrutamento para a Al-Qaeda. A Al-Jazira defende a inocência de Alouni.

O Iraque é uma guerra suja

Com oito equipas no terreno, a Al-Jazira teve uma participação de peso na narrativa da guerra do Iraque. O primeiro alvo das forças terrestres foi Umm Qasr, o porto do Golfo, perto da fronteira com o Kuwait. Durante dois ou três dias foi dado como conquistado, apesar de os combates continuarem, como mostrava a Al-Jazira. Pouco depois, quando na Europa e nos EUA se noticiava uma revolta em Bassorá, o canal, o único dentro da cidade, divulgava imagens de ruas tranquilas. Ao mesmo tempo, e em contraponto com as imagens de explosões longínquas obtidas pelos *embedded*, a Al-Jazira mostrava cadáveres empilhados nos hospitais.

O ano de 2004 ficou marcado por duas ofensivas contra a cidade sunita de Falluja, a oeste de Bagdad. De dentro da cidade completamente cercada em Abril, as imagens das vítimas chegaram via Al-Jazira. Na segunda ofensiva, em Novembro, as forças americanas (e iraquianas) já levavam jornalistas *embedded*, ao mesmo tempo que a Al-Jazira perdera toda a margem de manobra: em Setembro, o Conselho de Governo encerrara e selara os escritórios da televisão em Bagdad.

Os vídeos dos reféns

A Al-Jazira garante que nunca transmitiu uma decapitação, mas a ideia de o fez generalizou-se. Por exemplo, no caso de Margaret Hassan, a directora da ONG Care raptada no Iraque em Outubro de 2004 (e depois encontrada morta), a televisão do Qatar diz ter recebido cinco vídeos, recusando passar parte deles. Na mesma altura, a televisão obteve um vídeo de três macedónios raptados pelo Exército Islâmico: pôs no ar partes da gravação e explicou que o restante mostrava a decapitação dos reféns. A gravação destas decapitações, entre outras, foi disponibilizada pela Internet e passou noutras televisões: “E por causa da reputação da Al-Jazira, as pessoas erradamente atribuem-nos as imagens”, afirmaram os responsáveis do canal.

Com ou sem decapitações, os vídeos dos reféns juntaram-se à lista de casos que alimentam as acusações de propaganda feitas à Al-Jazira. Como as imagens dos cinco assustados soldados norte-americanos capturados pelo exército de Saddam ou outras de americanos ou britânicos mortos. Ao rótulo de veículo de propaganda, o canal responde sempre que é preciso mostrar o que está de facto a acontecer. Sejam soldados mortos ou as vítimas libanesas da cidade de Qana, alvo de um ataque aéreo israelita em Julho, num dia em que a Al-Jazira deixou de lado os *pivots* e durante horas transmitiu para todo o mundo árabe imagens dos estragos e dos corpos a serem removidos dos escombros.

Presidenciais americanas

O mesmo canal que convida comentadores que não chamam Israel nem os EUA pelo nome, preferindo “entidade sionista e aliados”, antecedido ou não por adjectivos fortes, ofereceu em 2004 aos espectadores árabes um tratamento abrangente das presidenciais nos EUA entre Bush e John Kerry. A cobertura incluiu as primárias mais importantes e arrancou em Janeiro — as eleições foram em Novembro. S. Abdallah Schleifer, director do Centro Adham na Universidade Americana do Cairo, defende que esta cobertura das presidenciais “visava obviamente ajudar os espectadores a acompanhar o que estava a acontecer durante a campanha e perceber os fundamentos do sistema americano”. ■



Vítima da guerra no Afeganistão



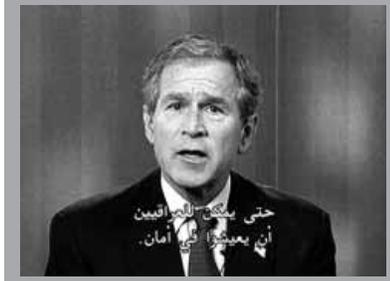
Uma das várias imagens de Bin Laden



A refém que depois foi morta, Margaret Hassan



Soldado americano capturado no Iraque



Bush numa mensagem para o mundo árabe